

# À MODERNIDADE NO CORPO E NOS ESPAÇO: PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO, HIGIENE MODERNA E ARQUITETURA ESCOLAR

*Hadassa Araújo Costa<sup>1</sup>*

**Resumo:** No início do século XX, Campina Grande (na Paraíba) viu ser inserida no cotidiano da urbe a ideia de uma modernização dos costumes advinda da prática discursiva e retórica de seus intelectuais, professores e bacharéis, em seus periódicos e nos seus espaços de poder. Tal fala ecoou no cotidiano escolar tendo em vista a formação de sujeitos modernos, onde tais intelectuais, como docentes, atrelavam suas convicções ao currículo ministrado. Tais ideias foram, aos poucos, se concretizando na representação da moderna arquitetura que se desenhava sobre as escolas de Campina Grande, acarretando toda uma simbologia da função da escola no contexto social. Para tal problemática nos utilizamos do conceito de Práticas de Subjetivação por Félix Guattari e de Processo Civilizador por Norbert Elias.

**Palavras-chave:** Práticas de subjetivação; Arquitetura Escolar; Campina Grande.

**Résumé:** Dans le début du XX siècle Campina Grande (à Paraíba) a vu être inséré dans le quotidien de la ville l'idée d'une modernisation des coutumes qui provienne des pratiques discursives et rhétoriques de ses intellectuels, enseignants et bacheliers, en ses périodiques et dans ses espaces de pouvoir. Ce travail vise à problématiser comment ce discours a fait écho au quotidien scolaire, en tenant compte l'envie de former des sujets modernes, où ces intellectuels, comme des enseignants, attachaient ses convictions au curriculum dispensé. Ces idées devenaient, peu à peu, dans la représentation de l'architecture moderne que se dessinait sur les écoles de Campina Grande, entraînant toute une symbologie de la fonction de l'école dans le contexte social. Pour cette problématique nous utilisons le concept des Pratiques de la Subjectivation de Guattari et le Procès Civilisateur de Elias

**Mots-clés:** Pratiques de Subjectivation; Architecture Scolaire; Campina Grande.

---

1. Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande na linha História Cultural das Práticas Educativas, é graduada em História pela mesma instituição. Atualmente desenvolve a pesquisa de dissertação intitulada "Os periódicos escolares como espaços de propagação das culturas das escolas campinenses (1930-1940)". E-mail: costahds@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A experiência da educação é muitas vezes relacionada com o modelo tradicional de uma sala de aula de formato retangular, cuja organização das cadeiras aponta a um ponto convergente, um quadro negro antecipado de um birô onde está a figura de um mestre, detentor do conhecimento que será proporcionado aos alunos. Mas se pararmos para pensar em nossa própria experiência, podemos perceber que a educação vai além disso. É muito mais subjetividade, muito mais sensibilidade. São práticas diversas que ocorrem no cotidiano escolar. Não podemos aprender enquanto não nos deixarmos perpassar pelo conteúdo, sem que todo aquele contexto imprima marcas que nos impulsionem a pensar, buscar, experimentar. O mestre, o espaço, a arquitetura, a hierarquia institucional também podem ser absorvidos, digeridos de forma seca ou apetitosa.

Digerir, segundo definição formal é

Fazer a digestão de; sofrer com resignação, suportar; apreender o que se leu; realizar a digestão. (Minidicionário Soares Amora, 1999).

**1. assimilação:** apreensão, compreensão, entendimento; **2. compreender:** apre(e)nder, assimilar, entender; **3. digerir:** cozer, cozinhar, elaborar; **4. sofrer:** aturar, digerir, engolir, tolerar. (Dicionário Houaiss Sinônimos e Antônimos, 2003, grifo do autor).

25

É um conceito amplo. Metaforicamente implica na absorção desejada ou indesejada, voluntária ou involuntária, embora se refira a um processo naturalizado no cotidiano humano. O processo de digestão parte do ato de interiorizar através da boca o alimento, mastigá-lo, esmiuçá-lo e, enfim, engoli-lo. Também é *apreender o que se leu*, e a leitura pode adquirir várias formas de execução. Consideramos o espaço citadino como um texto (ROCHA JR., 2003), portanto, sob constante possibilidade de ser lido, quiçá o espaço da escola, posto que o mesmo já possui tal intencionalidade em sua formação histórica como veremos adiante.

A digestão do ambiente escolar faz parte do aprendizado. A subjetividade do aluno pode ser marcada por elementos que compõem o contexto da escola para além do conteúdo, e, às vezes, o próprio espaço acaba complementando a fala do professor e dos materiais didáticos. Numa escola planejada, o ambiente da sala de aula é projetado com o fim de ser um dos principais agenciadores e interlocutores das trocas de conhecimento que se dão ali. Desse modo, a modernização do ensino no início do século XX procurou adaptar o lugar em que o ensino era ministrado afim de que seu processo de *digestão* fosse o mais proveitoso possível, atendendo às condicionantes sociais dos alunos, desejando que eles imprimissem uma marca

moderna de se comportar.

O aspecto moderno de um homem civilizado (ELIAS, 1994) descarta a imagem de um moribundo, sujo, vadio que punge o ambiente da cidade limpa. Diante disso, há a latente necessidade de se formar *indivíduos* educados, partindo da imposição de novas práticas aos métodos educativos. A palavra *indivíduo* tem sua raiz latina associada a não divisão do ser orgânico, numa tradução livre é *aquele que não se divide*. Mas o homem é naturalmente um digestor. Mesmo com a imposição de uma formação complexa a fim de homogeneizá-lo ao que se concebia como cidade modernizada, ele é divisível, e apreende, e lê o mundo com a profundidade que lhe cabe em sua interação com este, ele está em constante construção. Através dessa digestão de mundo, ele pratica o que conhecemos como "produção de subjetividade".

A escola tem papel principal nessa "produção de subjetividade". Avaliamos, conforme Félix Guattari, que "a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo" (GUATTARI, 1992, p.33). Ele defende que o processo de subjetividade se dê de maneira constante e permanente, mais pela absorção, e que

não existe uma subjetividade do tipo "recipiente" em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam "interiorizadas". As tais "coisas" são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente. (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p.34).

26

O ambiente de ensino deve provocar tal prática, mas não só pelo que se fala dentro dele quando o mestre o conduz. O sujeito aluno é cercado pela possibilidade de subjetivar. Seu corpo ambientado à limpeza que a escola lhe sugestiona pode digerir que deve ser limpo à medida que aquele lugar também o é, de modo que na cidade moderna, que é limpa, só se encaixem pessoas quem também observam este padrão comportamental. Tudo isso por causa deste complexo, porém natural, processo de subjetivação que ocorre constantemente na mente daquele que não é *indivíduo*, é o divisível, é o sujeito que digere.

Falemos sobre a relação escola e modernidade. Podemos considerar a educação como um símbolo do moderno, uma das conquistas materiais que podiam possibilitar que a cidade estivesse em sintonia com o mundo *civilizado* (ARANHA, 2005). Ainda segundo o autor, nas cidades onde o ritmo social de grandes metrópoles não se repetiam ao mesmo modo, o uso de outras simbologias como representações do moderno eram acatados como contatos civilizatórios para a população local. Podemos ver esse quadro em Campina Grande, que já importava um novo modelo de educação, construindo edificações cada vez mais proporcionais à ideia de modernização do

ensino.

As escolas foram, aos poucos, mudando suas configurações espaciais e público de forma que pudessem construir uma sociedade a partir de sua base, com alunos formados sob determinado modelo para que fossem adultos que respondessem à expectativa da demanda governamental, esta última movida substancialmente por concepções de desenvolvimento europeizadas. Vemos um despertar das instituições educativas a essa expectativa ao longo do século XIX, atingindo um público cada vez maior, interessando a um contingente populacional mais expressivo, que desejava ter formação a fim de conservar e/ou ganhar status e presença no corpo da sociedade à qual pertencia. Esse processo se deu no Brasil de forma aclarada, tendo em vista a implantação do governo republicano em 1889, alimentada pelos ideais humanistas em vigência nos principais centros intelectuais do mundo<sup>2</sup>.

A ascensão econômica da Paraíba esteve inserida nesse contexto de transições marcantes. A movimentação econômica do estado no período veio a favorecer o uso de novos conceitos no planejamento urbano das cidades com maior investimento financeiro da União. Cidades como Campina Grande, ativa na exportação do algodão, foram beneficiadas com recursos advindos de seu produto interno e puderam modernizar seu espaço de forma concordante com os novos conceitos arquitetônicos em vigência, nutridos por concepções de modernidade.

27

### **“Somos, porém, brasileiros: idealistas, – portanto.”<sup>3</sup>**

O campinense que vivera os anos 1920 provavelmente conheceria e/ou muito ouvira falar de figuras expoentes, intelectuais da cidade. Sejam mestres como Clementino Procópio, Alfredo Dantas, Mauro Luna, bacharéis como o Irineu Jóffily (filho), ou médicos como Elpídio e Antônio de Almeida. Esses homens fizeram parte de uma geração do que podemos chamar de “reformadores da cidade”. Não que eles tenham pego tijolos e cimento para construir uma nova Campina em sua forma física. Suas participações nesse processo se deram na medida em que foram construindo através da idealização de novas práticas.

Muitos desses intelectuais compuseram o corpo docente de instituições escolares da cidade. O dr. Elpídio de Almeida lecionava aulas de Higiene no Grupo Escolar Solon de Lucena, gratuitamente e fora do horário de aula, bem como também estivera ensinando no Instituto Pedagógico. Grande parte deles eram escritores assíduos

---

2. Com destaque a Paris, Londres que eram os principais modelos ao Brasil naquele momento.

3. In: Anuário de Campina Grande, 1925, p.19.

dos principais periódicos da cidade e do estado, deixando evidentes suas ideias que almejavam uma nova sociedade apurada em educação e boas condutas<sup>4</sup>. Uma das marcas da virada do século XIX para o século XX no Brasil foi o que Giscard Agra chama de uma “fetichização da ciência: acreditava-se que ela era capaz de produzir verdades absolutas, que tudo era explicável através de seus rigorosos métodos de investigação e que a vida seria melhor se pautada em preceitos científicos”(AGRA, 2007, p.2). Percebemos essa característica arraigada no contexto campinense durante os anos 20, alimentando certa sacralização<sup>5</sup> da fala desses intelectuais.

Num artigo do primeiro número da Revista Evolução, que era publicado pela escola Instituto Pedagógico, no ano de 1931, o médico da cidade, Antônio de Almeida<sup>6</sup>, exalta a Higiene Moderna, denominando-a deste modo, o “essencial factor do progresso humano”(sic)<sup>7</sup>. No mesmo artigo ele considera o assunto como sendo sempre “ordem do dia”, pois “diz algo do nosso século” (a se referir ao século XX). Nessas linhas Antônio de Almeida expressava a mentalidade da grande maioria dos intelectuais de sua época, sendo um bom portador do discurso destes. Consideramos que a classe intelectual da Paraíba foi em grande parte formada por representantes da elite que, a exemplo da elite pessoense, se graduaram em centros intelectuais do Brasil como o Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Esta classe fora a principal receptadora e distribuidora dessas ideias, responsável por gerar e gerir a busca por uma nova identidade civilizada do povo paraibano.

A Campina de cultura hegemonicamente comercial era, sob marcha lenta, alimentada pela ciência num caminho que percorria, primeiramente, as ideias e, em seguida, vinha à manifestação nos espaços de arquitetura simbólica. Assim informa um artigo de nome *Mentallidade Campinense* no Anuário da cidade do ano de 1925:

Somos, porém, brasileiros: idéalistas, – portanto. [...] Surge, então á evidencia que o commercio, que tudo mais consegue com sua efficiencia propulsora de immediatos resultados materiaes, não consegue, entretanto, annular, com as suas vicissitudes tumultuosas o que de mais attraente e nobre pode ter um meio: a intelligencia do seu povo, sabendo comprehender e reverenciar o talento; o talento, o pendor literario ou scientifico dos que, justamente, em numero mais ou menos crescido, constituem o elemento intellectual, a força

---

4. Constatamos isto nos periódicos que nos foram de fontes: a Revista Evolução e os Jornais O Collegial, O Clarão e Comércio de Campina que eram veiculados por instituições escolares. Os nomes dos homens supracitados aparecem como autoria de artigos que indicam práticas cotidianas de educação e saúde, sobretudo nestes periódicos escolares.

5. Sacralizar com efeito de tornar a fala de um determinado sujeito uma verdade absoluta.

6. Antônio Pereira de Almeida (1901–1980), médico, prefeito de Campina Grande durante os anos 1932 a 1934. Compunha o corpo docente do Instituto Pedagógico no período estudado.

7. Optamos por utilizar a grafia de nossas fontes tal como escritas originalmente. Assim faremos em todo nosso trabalho, sem adapta-las de modo que sejam visualizadas como foram primeiro escritas. Neste caso não ousaremos ultrapassar a autoria há muito concretizada respeitando os espaços dos autores e suas formas de escrever.

creadora do meio. (ANUÁRIO, 1925, p. 19 e 20)

Questões de modernidade eram sobretudo almejadas, mas ainda não manifestadas definitivamente como se houvera na expectativa destes *distintos* intelectos campinenses tão aclamados em seu tempo por nutrirem esta esperança. Considera-se ainda desses homens do “ramo de atividade mental”<sup>8</sup> que estivessem a demonstrar “que Campina não é, somente, o centro de maior surto commercial do Estado: é, também, um agitado fóco de irradiação intellectual” (Ibidem, p.20).

A escola compõe, além da estrutura de planejamento conceitual da malha urbana, a função de instruir a mentalidade e condição dos corpos que nela circularão. Sua função é de primordial importância para implantação dos ideais supracitados no seio da sociedade, estruturando o comportar-se de seus alunos. Neste ponto, também lhes sugerindo a prática da Higiene e demais comportamentos ditos modernos.

### **Sobre o espaço físico e social da escola em Campina Grande/PB**

A dinâmica de crescimento de Campina Grande favorecida pela, já falada, cultura comercial da cidade, bem como o desejo de sua população por uma formação intelectual, condicionou o aparecimento instituições escolares na cidade já em fins dos oitocentos<sup>9</sup>. O famigerado projeto de modernização, que se dava nos principais centros urbanos do mundo desde meados do século XIX, participou ativamente deste processo. Reforçamos que ele adentrara primeiramente o espaço subjetivo das ideologias e manifestara-se aos poucos nas edificações e reformas que simbolizavam o novo âmbito de civilidade que aquela sociedade almejava alcançar.

Considerando sua simbologia, vemos os espaços de educação como sendo propulsores desses ideais, na medida em que eram responsáveis por interiorizar nos seus alunos os discursos advindos das metrópoles tupiniquins e estrangeiras. Discursos estes que abrangiam diversas esferas da vida cotidiana como o próprio comportamento, sendo o alunado visado com o fim de ser moldado e mudado para se adequar ao padrão de homens e mulheres modernos. Este padrão não consistia apenas na aquisição de conhecimento, principal função histórica da escola, mas confecção de arquétipos ditos civilizados. Se “o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos

---

8. Entenda-se intelectuais.

9. Leve-se em consideração a existência das chamadas Cadeiras Isoladas no estado desde meados do século XIX. A Paraíba chegou a ter 162 Cadeiras Isoladas em funcionamento dentre os anos de 1896 e 1898. (PINHEIRO, 2002, p.277 a 279). Quando de sua emancipação política, em 1864, Campina contava com cerca de 58 alunos matriculados em cadeiras, sendo destes 22 do sexo masculino e 36 do feminino (Ibidem, p.39). O Colégio São José teria sido fundado em 1878 pelo, já falado, professor Clementino Procópio (ANUÁRIO, 1925, p.52).

humanos rumo a uma direção muito específica” (ELIAS, 1993, p.193)<sup>10</sup>, nesse contexto a função de apontar essa direção para as novas gerações que cresciam seria privilegiada à escola. Esta noção de civilização comportamental acompanhou os discursos médico-higienistas de limpeza e asseio concordantes com a boa conduta social do homem educado.

No contexto estudado, observamos uma transição substancial entre as escolas presentes em Campina na virada do século e as que são concebidas no decorrer do nosso recorte (a partir dos anos 1920) devido a implantação de novo métodos. Vemos também os que não se situavam na elite econômica e social desejarem que seus filhos pudessem usufruir do acesso a uma formação básica. São classes de pequenos comerciantes e pessoas em processo de ascensão econômica numa Campina que atraía cada vez mais oportunidades de crescimento. Predominava, até então, na cidade, o ensino de Cadeiras Isoladas<sup>11</sup> ministradas em lugares improvisados, como nas casas dos educadores ou em salas cedidas que não eram projetadas para àquele fim, eram as conhecidas “casas escolares”<sup>12</sup>.

O projeto da construção de um Grupo Escolar na cidade já datava do século XIX quando o intendente Cristiano Lauritzen começara a construção daquele que veio a ser o Grêmio de Instrução, portanto, o uso da construção não condisse com seu objetivo inicial. As críticas relacionadas à precariedade do ensino na cidade já se mostravam corriqueiras nos periódicos de instituições escolares privadas na cidade. Estes últimos reforçavam uma fala pedagógica sobre como deveriam se portar não só os seus alunos como os demais leitores ocupantes de outros espaços sociais. Através de suas publicações os escolarizados maculavam o analfabetismo pertinaz e insistiam nas práticas cotidianas da higienização.

Voltemos, neste momento, ao artigo do professor e médico Antônio de Almeida na Revista Evolução. O artigo é um verdadeiro elogio aos costumes higienísticos, onde o autor acrescenta que os avanços da medicina nos “últimos decênios, fizera da higiene moderna a bussola que norteia os civilizados aos segredos do porvir”. Não é

30

---

**10.** O autor defende que tal processo se deu “sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem” (ELIAS, 1993, p.193). Embora ele exemplifique sua fala com modelos radicais de “civilização do homem” o seu processo também busca reproduzir no sujeito um modelo de sociedade normativizada, que dota o homem de “sentimentos de vergonha” ante o confronto com o outro civilizado (Ibidem, p. 194).

**11.** As escolas de primeiras letras, típicas do Império, eram conhecidas como Cadeiras Isoladas por configurarem apenas uma sala de aula com um número resumido de alunos e estes poderiam ter diversas faixas etárias e andamentos escolares diversos, de modo que o atendimento deveria ser individualizado, assim como Foucault denominou *sistema tradicional*. “Cada aluno ficava, assim, sem atenção direta do professor por longos momentos da aula, o que acarretava perda de tempo e indisciplina.” (BUFFA; PINTO, 2002, p.39). As cadeiras Isoladas, eram basicamente destinadas a meninos e ministradas por um(a) professor(a) normalista (PINHEIRO, 2002). Em Campina Grande a primeira Cadeira Mista foi aberta em 1894 e teve como fundadora a professora Aucta Farias Leite.

**12.** “Salas de visita de casas particulares, salões de casas-grandes de engenho e alpendres de sítios eram alguns dos espaços em que meninos e meninas viviam suas experiências de escolarização”. (GALVÃO, 1998, p. 122).



por acaso que o autor usa esse tom em seu discurso. O público alvo da citada revista compreendia em primeiro plano os alunos de uma instituição escolar e seus pais, justo aqueles que o escritor desejava imprimir diretamente essas marcas de comportamento moderno sendo professor da referida instituição. Afora esta demanda, o público geral que também tinha acesso ao conteúdo da publicação perceberia o quanto os mestres daquela instituição estavam comprometidos não só com a saúde intelectual das crianças, mas também com a saúde física e com seus cuidados de higiene pessoal de forma bastante enfática. A preocupação com a higiene, seja espacial, seja pessoal, se mostra cada vez mais constante entre os docentes destes grupos escolares como Antônio de Almeida demonstra.

No mesmo periódico, no volume de número 2 (1931), Noemi Carlos da Silva<sup>13</sup> escreve uma poesia de nome *Conselho higiênico*, cujo teor é de toda uma busca ao costume do asseio pessoal, e reforçava o que homens como Antônio e Elpídio de Almeida redigiam em jornais e ensinavam em sala de aula:

I  
Dos pés até a cabeça/Traze o corpo bem lavado;/- Quem apenas lava a cara,/ Não passa por asseiado. (1-4)

II  
Deita-te cêdo, meu filho,/Ergue-te cêdo também./- Quem assim faz e trabalha,/ Mui bela saúde tem. (5-8)

III  
Deves usar sempre largo/Todo o teu fato e calçado;/O sangue não gira bem/ Quando o corpo anda apertado, (9-12)

IV  
A casa em que morares/Deve ter sol e muito ar./De casa que assim não seja/ Deves-te logo mudar (13-16)

V  
Evita dentro de casa/Toda a poeira e mau cheiro;/E não durmas no teu quarto/ Sem o arejar primeiro. (17-20)

VI  
Essências, flores e plantas,/Cujo aroma é de encantar./No teu quarto não as queiras/Quando te fores deitar. (21-24)

31

Vemos nestas estrofes ideais ensinados aos alunos do Instituto, a fim de que esses digerssem formas de comportamento que dizem respeito a limpeza pessoal (*dos pés a cabeça*), ao empenho individual pelo trabalho (contra a prática da vadiagem), ao modo de se vestir, até mesmo de onde morar e como habitar de modo salubre sua própria casa.

São utilizados, em sua maioria, verbos imperativos, bem como se deviam ser ministrados estes princípios higienísticos por autoridades como os médicos supracitados

---

13. Aluna do 3º ano Normal no Instituto Pedagógico segundo dados da mesma publicação.



que lecionavam não só nessa instituição, mas em outros lugares na cidade. Vivenciando estes discursos, os alunos seriam homens de bom comportamento, limpos (em todo o corpo), que se vestiam de forma exemplar e residiam em lugares proporcionais a sua conduta moral e ética naquela sociedade.

Se as casas destes alunos assim deveriam ser, que se dirá do próprio prédio da escola que os ensinava sobre estes cuidados tão sutis? A presença de janelas corredores e outros elementos arquitetônicos demonstram esta atenção que as edificações vão aderindo de modo que proporcionem o bem estar dos que nela habitam. No caso da escola, estes elementos vão, não só proporcionando este bem estar, mas vão causando efeito de demonstração ao seu corpo discente e mesmo docente, afim de adequar todo seu público à expectativa do moderno. Assim, analisamos que a infraestrutura da escola moderna passa a atender uma série de pré-requisitos, sobre a disposição espacial do edifício, considerando uma série de fatores, como

se instalar no centro das populações, ainda que isoladas das vias públicas e num lugar adequadamente arejado, agradável e com boa comunicação com todos os lugares de onde vinham os alunos. A partir dessa localização nuclear, a escola projetaria seu exemplo e influência geral sobre toda a sociedade, como um edifício estrategicamente situado e dotado de uma inteligência invisível que informaria culturalmente o meio humano-social que o rodeia. (REPULLÉS apud FRAGO & ESCOLANO, 2001, p.33)

32

Seguindo essa mesma lógica, o primeiro grupo escolar de Campina Grande foi construído no, então, início da Rua Floriano Peixoto, próximo à Catedral, num lugar central e repleto de representações que correspondem à fala supracitada de Enrique Repullés<sup>14</sup>. Para sua construção, fora demolido o antigo mercado público de nome popular Comércio Velho, construído pelo italiano Baltazar Luna<sup>15</sup>, na primeira metade do século XIX (provavelmente na década de 1820). Este prédio de estilo colonial era o pivô da feira quando esta se dava na Floriano Peixoto, e sua decadência veio em função da construção de um novo mercado, conhecido como Comércio Novo<sup>16</sup>, situado à rua Maciel Pinheiro, bem próximo ao antigo. Desde então, o mercado, que outrora fora tão movimentado, era um lugar repleto de sujeitos populares, desde feirantes remanescentes, desabrigados, ciganos e até prostitutas que ali fizeram seu lugar de estadia. Demolir um lugar como este implicava uma “limpeza” para construção de uma instituição moderna que ganha ares simbólicos. Passa a representar o progresso,

---

14. Arquiteto Espanhol (1845-1922).

15. “Afirmava o ancião que o levantava naquelle logar, reputado improprio por algumas pessoas, porque ali estava o centro da immensa cidade que Campina havia de ser. Deu-se, então, a mudança da feira”. (ANUÁRIO, 1925, p.8).

16. Pelo comerciante Alexandrino Cavalcanti de Albuquerque.

o avanço e a formação de uma nova sociedade cuja marca é a educação. É a negação da antiga população que ocupava o local, como também uma forma de demonstrar-lhes que não haveria espaço para seus corpos no novo ambiente limpo da Campina Moderna.

O lugar que o Grupo Escolar fora construído<sup>17</sup> era próximo às principais feiras da cidade, que se distribuía no centro, entre as ruas Maciel Pinheiro, Floriano Peixoto e adjacentes. Era um espaço cuja concepção propunha uma mudança drástica de uso espacial com relação à função de seu demolido antecessor, o antigo Comércio Velho. Quando os feirantes e populares que por ali passavam fixavam os olhos àquela esquina eles poderiam absorver a ideia de uma nova cidade e que eles próprios deveriam adaptar-se a ela. A estética do novo grupo escolar buscava alterar as percepções sobre modernidade que estavam em cada um desses cidadãos comuns, demonstrando-lhes que um novo tempo havia chegado. Era uma fachada de arquitetura grandiosa se comparada aos prédios do entorno (ver Imagem 1), que também proporcionava uma higienização física e visual do ambiente numa cidade de características hegemonicamente coloniais. A própria edificação junto a sua estética se tornava um discurso.

**Imagem 1** – Fachada do Grupo Escolar Solon de Lucena (Praça Floriano Peixoto)



Fonte: Revista Evolução (1931)

Mesmo elementos arquitetônicos que compreendemos como essenciais, como portas e janelas, são portadores de um discurso higiênico como constatamos através de um artigo de nome Escola Nova publicado nos últimos números da Revista Evolução

---

17. Sob projeto do arquiteto Hermegildo Di Lascio da firma Cunha & Di Lascio sediada na capital.

(v. 8 e 9). Nele é descrito uma aula no grupo escolar Solon de Lucena, onde a professora de nome Ana Leiros ministra uma aula sobre a luz numa sala de primeiro grau. A aula começa quando a professora pede a um aluno que abra as janelas da classe, em seguida ela pergunta: "agora, diga-me, uma coisa, quando você abriu a janela o que recebeu na sala?" ao que o aluno responde "o sol entrou e ficou mais claro" (LIMA, 1932, p.8). A partir desta deixa a professora explica aritmética, física, história natural, economia doméstica e higiene, tudo embasado pelo ato de iluminar a sala através da abertura de janelas. A professora Ana Leiros nos apresenta uma aula bastante explicativa sobre como a luz ajuda em nosso dia a dia. Assim como a aluna do Instituto Pedagógico Noemi Carlos, ela explana aquele conteúdo para além da sala de aula, citando também a função da luz para higienização da casa com a finalidade de um ambiente salubre:

A luz do sol é a destruidora de todos os microbios das molestias mais perigosas e por isso convem não trazer os quartos e salas fechadas para que neles entrem muita luz; pois a luz é o melhor e o mais barato de todos os desinfetantes. (LIMA, 1932, p.49).

34

Se não convinha trazer a janela de casa fechada, a da escola muito menos. Assim, a arquitetura escolar vai se tornando uma participante nas aulas, demonstrando que seu espaço não é apenas funcional, ele tem característica representativa. A professora ainda prossegue sua aula abordando o último conteúdo: higiene. A noção de Higiene Moderna que acima fora abordado pelo doutor Antônio de Almeida volta neste momento, explicitamente trabalhada em uma sala de aula. Sobre os benefícios da luz ainda se considera na aula o de que ela

exerce influência sobre tudo que respira: plantas e animais que sejam irracionais ou racionais nós; dá as crianças dos campos as lindas faces rosadas e a saúde robusta, enquanto os "presos, os mineiros e operários" que trabalham em subterrâneos sentem dia, para dia, a palidez minguar-lhes as forças e a saúde. (Ibidem, p.49).

A luz, assim exercendo um papel tão importante para a saúde do homem, não poderia estar longe da sala de aula. Lembramos que a partir da presença dela, da sua exemplificação na estrutura da sala de aula, é que pôde a professora Ana Leiros explicar que importância tem esta que traz robustez às "lindas faces rosadas" das crianças.

Além das janelas é importante frisar sobre a disposição logística do mobiliário da sala de aula em fileiras simétricas. Este modelo é o que o filósofo Michel Foucault chama de espaço serial. Quando trata dos colégios europeus ele afirma que este modelo esteve funcionando principalmente desde 1762, homogeneizando a classe. "A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição

dos indivíduos na ordem escolar [...].” (FOUCAULT, 2014, p.144). A despeito do modelo de primeiras letras (ou Cadeiras Isoladas), que Foucault chama de sistema tradicional, onde o atendimento individualizado do professor gerava ociosidade nos demais alunos que não detinham sua atenção naquele momento, o sistema serial permitiu a unificação de uma mesma faixa etária e nível de ensino.

O tempo fora mais bem aproveitado quando o mesmo conteúdo era ministrado a todos os alunos de igual forma, e a formação da classe em filas ainda permitia melhor vigilância. Ainda segundo o autor as disciplinas assim organizadas criam espaços “ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos [...]”, eles permitem a fixação e circulação, “recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos [...].”(Ibidem, p.145). Assim, o espaço serial os vai transformando em multiplicidades organizadas. Este modelo, inicialmente conhecido como Lancasteriano (por seu criador Joseph Lancaster) será ensaiado no Brasil desde fins do século XIX (BUFFA; PINTO, 2002, p.39), sendo predominantemente vigente até hoje.

Considerando essa organização do espaço enfatizamos que a subjetivação do espaço escolar começa a partir de sua visualização estética. Nesse caso há uma ênfase à ideia de que o lugar institucional deve caracterizar o moderno, uma nova era que se iniciava. Reforçamos que

o modelo (...) de arquitetura escolar cumpriu não só uma função pedagógica, mas também um objetivo cultural de primeira magnitude, ao criar um dos símbolos que melhor aglutinam a consciência coletiva das populações e sua própria identidade. (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p.34)

Edifícios como o do Grupo Escolar Solon de Lucena impunham na paisagem urbana campinense a idealização de um futuro embasado no modelo de civilização já exposto neste artigo. Ele destoava das edificações coloniais que ainda compunham o conjunto urbano da cidade, intimidando-os de certa forma, com suas novas composições arquitetônicas avançadas para a Campina da época. Como fora com o Comércio Velho, que cedeu lugar ao Grupo Escolar, o colonial, que possuía teor de insalubre e antiquado, fora pouco a pouco cedendo seu lugar aos prédios limpos em *Art Déco*, projetados compreendendo a asseidade necessária ao seu respectivo funcionamento.

A função higiênica prevalece e é impulsionada no projeto dessas edificações. O alunado deveria ser cuidadosamente tratado em questões de salubridade, de forma que digerissem o ideal comportamento higiênico na escola e, mastigando-o, passassem a utilizar constantemente estes hábitos. Seria reprovável que quaisquer

alunos estivessem longe desses padrões. O cuidado na higienização do alunado, desde as primeiras instituições escolares, se devia primeiramente em evitar o contágio de doenças ou pragas (FOUCAULT, 2014), e posteriormente adquire o papel de padronizar os sujeitos escolarizados a um ideal de postura social.

A estratégia da instituição escolar será reconhecer esse processo se utilizando do currículo e do espaço para estimular a produção de subjetividade. Essa atuação se dava de forma controlada pelo interesse em construir novas identidades que atendessem ao padrão civilizatório proposto pelos poderes públicos, condicionados por modelos educacionais e comportamentais vindos do Velho Continente. A sensibilidade da criança no ambiente escolar, sua sujeição às diretrizes propostas, sendo passiva ao ensino dos mestres no modelo da educação da época, tornaria o ambiente adequado aos setores de poder público para propagação dos ideais higienísticos modernos. Desta forma consideramos que

a educação primária foi o principal alvo para a elaboração do projeto que tinha como objetivo moldar o brasileiro dentro do padrão higiênico. Assim, os grupos escolares vistos como modelo por excelência no ensino primário passaram a ser estruturados, tendo sua estrutura física pensada não só para instrução, mas também voltada para a disciplinarização<sup>18</sup> e higienização do corpo discente e docente. (SILVA, 2011, p.72).

36

E o papel de instrutores médicos nessas escolas foi de fundamental importância para a montagem deste quadro e para que reforçemos nossa fala. Recordemos que o dr. Elpídio de Almeida, cuja importância nos meios intelectuais da época já aqui fora citado, também lecionava no Grupo Escolar semanalmente a cadeira de Higiene, bem como, provavelmente, o fazia no Instituto Pedagógico, demonstrando uma preocupação com esta disciplina para os escolares que ali estavam.

Andrade (2014) cita a importância das aulas de educação física, destinadas a ambos os sexos, que estavam nos novos lemas pedagógicos daquele tempo. No Solon de Lucena elas aconteciam no pátio interno ou no jardim lateral à escola. Em ambos os ambientes era possível observar as práticas de ginástica e civismo andando pela rua Afonso Campos, que tangia a parte de trás da escola e promoviam um verdadeiro teatro aos transeuntes. Estas aulas faziam parte de um currículo voltado para cuidado com o corpo. Para o lugar onde eram ministradas essas aulas era importante que

---

**18.** Segundo Michel Foucault, os “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 1994, p.135). Esses processos de disciplinas foram absorvidos pelos modelos escolares também dos séculos XIX e XX, como evidenciaremos posteriormente.

fossem espaçosos e arejados, ressaltada a importância também dos chuveiros para a higienização posterior às aulas.

A própria estruturação arquitetônica das escolas passou a contar com sanitários a partir da década de 1930, substituindo as antigas latrinas insalubres e malcheirosas. Desde a “segunda metade do século XIX, o espaço-escola se incorporou, assim como a moradia, aos preceitos do higienismo, e mais tarde às exigências do conforto e da tecnologia” (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p.46). O Grupo Escolar Solon de Lucena, por exemplo, seguiu estes preceitos colocando os banheiros na parte de fora do edifício, depois do jardim presente ao lado esquerdo do prédio,

acreditamos que essa acomodação estava baseada nos princípios higiênicos que eram propagados na época, assim como nas orientações apresentadas pelo diretor da instrução pública concernentes às edificações de prédios escolares. (SILVA, 2009, p.85)

Os edifícios escolares projetados a partir da década de 20 visarão comportar cuidadosamente essas características que os tornam instituições modernas no contexto campinense para além da fachada principal, levando a apreensão do discurso arquitetônico para o convívio cotidiano da escola bem como para a prática das aulas.

37

## Considerações

Fato é que já se espalhava na Campina Grande dos anos 20 novos conceitos estéticos nunca antes observados pelo grande público da cidade<sup>19</sup>. Para além das leituras arquitetônicas veremos leituras de cultura comportamental que foram aos poucos se incorporando nos textos e contextos citadinos. Nos espaços escolares observamos que além da influência no campo arquitetônico, a busca pela subjetivação, ou digestão, dos signos modernos, como o discurso médico-higienista, constavam indiretamente dos novos projetos destas instituições. A partir deste período o ensino na cidade alcançará um maior número de pessoas, tendo em vista a chegada de instituições públicas gratuitas como o Grupo Escolar Solon de Lucena.

Os grupos escolares passaram a compor o cotidiano do vai e vem urbano, centralizando e simbolizando os poderes educacionais da cidade de ordem governamental. A simbologia da escola não só buscava ser digerida pelos sujeitos escolarizados, mas também pelos transeuntes sob os quais os edifícios institucionais

---

19. Estes conceitos irão ter seus usos ampliados na segunda metade da década de 30, com o prefeito Verniaud Wanderley.



pretendiam exercer poder influenciador. A necessidade de formar uma nova população civilizada atravessava as salas de aula e chegavam aos mais populares que deixavam se sensibilizar pela implicância social da escola naquele momento.

A Campina Grande colonial, suja e insalubre, vivia um novo tempo de asseio público civilizatório. Os edifícios oitocentistas cediam obrigatoriamente lugar à *Art Déco*, e a revitalização urbana orquestrada pelos poderes governamentais.

## REFERÊNCIAS

AGRA, Giscard F. A urbs doente medicada: a higiene construindo Campina G(g)rande, 1877 a 1935. In: **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. Associação Nacional de História (ANPUH), 2007. pp. 1-10. Disponível em: < <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Giscard%20Farias%20Agra.pdf>>. Acesso em agosto de 2016.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. De armazém à campo cultivável: a instrução e a formação como diferentes formas de aprendizagem e como diferentes relações com o saber e com a leitura, produzindo subjetividade e sujeitos outros. In: **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, v. 6, nº 10, p.249-271, 2005.

38 ALMEIDA, Antônio de. Higiene Moderna: essencial factor do progresso humano. In: **Revista Evolução**. Ano 1, v.1, 1931.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. Epgraf – Campina Grande, 1993.

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 6ª edição. Editora Saraiva – São Paulo, 1999.

ANDRADE, Vívian Galdino de. **Alfabetizando os “filhos da Rainha” para a Civilidade/Modernidade: o Instituto Pedagógico em Campina Grande - PB (1919-1942)**. 22/08/2014. 302 páginas. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa - PB.

**ANUÁRIO de Campina Grande**. Ano 1, v.1. Gráfica Jornal do Commercio, Recife – PE, 1925.

ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880 – 1925). In: AGRA DO Ó, Alarcon et al. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**. 2ª edição. Ideia. João Pessoa, 2005.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. Companhia das Letras, São Paulo. 1986.



- BUFFA, Ester; PINTO, Gelson. **Arquitetura e Educação**: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971. São Carlos: Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**, vol. 1. Tradução Ruy Jungmann. 2ª Ed. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**, vol. 2. Tradução Ruy Jungmann. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42ª edição. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 2014.
- FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 2ª edição, DP&A Editorial. Rio de Janeiro, 2001.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. A palmatória era a sua vara de condão: práticas escolares na Paraíba (1890-1920). In: MENDES DE FILHO, Luciano (org.). **Modos de ler/ formas de escrever**: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. Autêntica. Belo Horizonte – MG, 1998. p.117 a 142.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Edições 34, Rio de Janeiro, 1992.
- GUTEMBERG, Fabio. Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945). In: **Revista Brasileira de História**. vol. 23, n.46. São Paulo, 2003.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S.; FRANCO, Francisco M. M. **Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos**. Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2003.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 – 43, Jan./Jun. Campinas – SP, 2001.
- KOWALTOWSKI, Doris. **Arquitetura Escolar**: o projeto do ambiente de ensino. Oficina de Textos, São Paulo, 2001.
- LIMA, Alves. Escola Nova. In: **Revista Evolução**. Ano 1, v.8 e 9, 1932.
- LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografia: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O histo-**

**riador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

NUNES, Clarice. A escola reinventa a cidade. In: HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos A. M. (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno:** medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rocco, Rio de Janeiro, 1994.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba.** Editora Autores Associados. Universidade São Francisco, Campinas – SP, 2002.

ROCHA JR, Deusdedith Alves. A cidade é um texto: apontamentos para ler a cidade. In: **Revista Universitas FACE**, v.1, n.1, 2003. Disponível em: <<http://publicacoes.uniceub.br/index.php/face/article/viewFile/600/398>>. Acesso em 1º de setembro de 2016.

SILVA, Maria Raquel. **Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande:** modernização, urbanização e Grupos Escolares (1935 a 1945). Agosto de 2011. 110 páginas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2011. Disponível em <[http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011\\_mest\\_maria\\_silva.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_maria_silva.pdf)>. Acesso em 1º de junho de 2016.

40

SILVA, Vivia de Melo. **Grupo escolar Sólon de Lucena:** um novo modelo de escolarização primária para a cidade de Campina Grande- PB(1924-1937). 03/09/2009. 140 páginas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2009. Disponível em <<http://www.ce.ufpb.br/ppge/Dissertacoes/dissert09/VIVIA%20DE%20MELO%20SILVA/Microsoft%20Word%20-%20DISSERTA%C7%C3O%20V%CDVIA%20DE%20MELO%20SILVA.pdf>>. Acesso em 1º de junho de 2016.

VASCONCELOS, Edson Carlos de. **Ah, Campina!**. Santa Marta, Campina Grande, 2014.